

ADÉLIO FERNANDO ABREU
LUÍS CARLOS AMARAL
(COORDENAÇÃO)

CATEDRAIS, CABIDOS, E CAPITULARES:

UM LONGO PERCURSO INSTITUCIONAL E CULTURAL

UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA | CENTRO DE ESTUDOS DE HISTÓRIA RELIGIOSA

LISBOA 2021

APRESENTAÇÃO

Estruturas por excelência de representação e aglutinação das comunidades e dos espaços diocesanos, as catedrais revestiram-se ao longo dos séculos de um estatuto muito amplo e diversificado. Do religioso e espiritual ao arquitetónico e estético, passando pelo político, institucional e económico, as múltiplas dimensões da Igreja-mãe da diocese atraíram sempre um enorme interesse, tanto do ponto de vista do estudo científico, como no que respeita ao seu potencial cultural e turístico. Neste contexto, transformaram-se em instituições muito vivas, em permanente processo de ajustamento e adaptação às mudanças eclesiais e litúrgicas e às alterações das sensibilidades e gostos artísticos que os séculos promoveram. Não menos enriquecedor tem sido o conhecimento crescente sobre os cabidos diocesanos e os seus membros. Instituições e personalidades incontornáveis da História de Portugal, desde a sua fundação, e, em particular, da realidade eclesial, cabidos e cônegos manifestaram, por regra, um significativo dinamismo na construção do perfil religioso e cultural das dioceses. Intimamente relacionados, desde muito cedo, com a gestão e manutenção das sedes catedrais, pareceu-nos fazer pleno sentido que todas estas temáticas se associassem e fossem abordadas no ciclo de 2019 do Seminário de História Religiosa, intitulado, tal como o presente livro, *Catedrais, cabidos e capitulares: um longo percurso institucional e cultural*.

Os textos que a seguir se publicam resultam das conferências proferidas e representam os grandes temas que se procurou contemplar. Maria João Oliveira e Silva abordou a organização do cartório medieval do Cabido Portucalense, a partir do momento da restauração definitiva da diocese, ou seja, com a chegada do bispo D. Hugo entre 1112 e 1114. Para além de elencar o essencial da documentação medieval que chegou até nós, a sua análise debruçou-se também sobre aspetos eminentemente técnicos, de natureza paleográfica e diplomática. Esta dupla via permitiu estabelecer as características maiores e diferenciadoras da produção documental da canónica. Diferentes tipologias documentais, com especial realce para a prevalência dos diplomas de natureza jurídica, foram arroladas, o

que permitiu conhecer não apenas as preocupações materiais desenvolvidas no sentido da preservação do arquivo, mas também o esforço na salvaguarda da memória patrimonial. Ficou claro também quanto o legado medieval representou uma preocupação ao longo do período moderno e contemporâneo, tendo desencadeado ações específicas de reorganização. Não poderíamos deixar de referir que, mercê de uma feliz coincidência, a conferência dificilmente poderia ter sido proferida em lugar mais apropriado, a saber, a sala primitivamente destinada ao arquivo na nova casa do Cabido, erguida nas primeiras décadas de Setecentos.

A grande reforma da Igreja do Ocidente, encetada a partir do século XI, constituiu o pano de fundo para a exposição de Francesco Renzi. Centrado no estudo do “cabido” do papa, isto é, o conjunto de clérigos que mais proximamente assessoravam o pontífice, procurou esclarecer a forma como se foram desenvolvendo e articulando diferentes cargos, funções e títulos. Especial destaque mereceu o colégio cardinalício, que cada vez mais se confundiu com a cúria e que não deixou de reservar em exclusivo para si toda a definição e execução do complexo processo da eleição pontifícia. A figura do cardeal acabou por refletir-se no próprio ordenamento da cidade. Com efeito, na Roma medieval desenharam-se distintos sistemas de circunscrição territorial e de governo dos recursos urbanos que, em última análise, espelhavam as diferentes categorias de cardeais. Emergiu assim uma imagem extraordinariamente diversificada da organização, tanto espacial quanto social e política, da urbe romana.

Os séculos da plena e baixa Idade Média assistiram ao amadurecimento da instituição capitular, constituindo-a não apenas em entidade fundamental do governo diocesano, mas também em estrutura incontornável de interação com as sociedades urbanas. Foi este o desafio que Mário Farelo aceitou, apoiando-se no estudo do Cabido diocesano de Lisboa, desde a sua fundação, na sequência da restauração do bispado em 1147. Duas questões principais atraíram a sua análise. Por um lado, a tentativa de compreender quanto o Cabido se transformou numa instância de exercício do poder e de articulação de poderes, tanto eclesiásticos como leigos. Por outro, a de esclarecer os processos de recrutamento dos capitulares, umbilicalmente relacionados com a estrutura sociopolítica dos centros urbanos. Momento privilegiado de observação constituiu o período do Cisma do Ocidente, tempo durante o qual múltiplas influências de diversificadas origens se entrecruzaram, ultrapassando os limites do reino e contribuindo para a acelerada internacionalização do clero português.

Preocupação crescente da sociedade contemporânea, a preservação e a fruição do património histórico têm já, apesar de tudo, uma história respeitável mais do que centenária. Juntando desde o início a publicação de normas legais com o esforço de sensibilização social, as políticas patrimoniais conheceram em Portugal um forte incremento com a implantação da República. Centrado em particular nos complexos catedralícios, Jorge da Costa dedicou a sua exposição

ao projeto “Rota das Catedrais”, uma das expressões mais visíveis e conseguidas que implementaram o Acordo de Colaboração, firmado entre o Estado português e a Conferência Episcopal Portuguesa, em 2009. Explicitou as potencialidades que resultam do ordenamento jurídico e os casos bem-sucedidos de articulação entre interesses de natureza cultural, patrimonial e cultural, desenvolvidos sobretudo no Norte de Portugal.

Partindo da *Historia Ecclesiastica da cidade e Bispado de Lamego*, publicada em 1877, Nuno Resende desenvolveu uma pesquisa conducente à reconstituição da atividade autoral de vários capitulares lamecenses, ao longo dos séculos XVII e XVIII. Integrada numa investigação mais alargada, que visa a reconstituição prosopográfica dos cônegos de Lamego, avaliou, neste caso concreto, sobretudo a dimensão cultural e literária destes clérigos oriundos de vários pontos do país e de extração nobre. Os dados alcançados permitiram-lhe ainda avaliar e inscrever estas personagens no ambiente ilustrado do reino, compreender a receção de diferentes correntes culturais mais ou menos eruditas e mais ou menos modernas. Em suma, entrever a literacia que se cultivava na cidade de Lamego do período moderno.

O humanismo renascentista português ficou grandemente marcado pela ação de dois príncipes e cardeais, D. Afonso e D. Henrique, filhos de D. João III. Uma parte muito representativa da sua influência e das suas iniciativas de âmbito cultural teve como palco a cidade de Évora, no decurso do século XVI. Partindo destas duas personalidades e de outras que se lhes foram associando, nomeadamente o celebrado André de Resende, Marta Oliveira tentou demonstrar quanto o ambiente ilustrado que então se vivia na corte, procurou traduzir em obras concretas um conjunto de ideais que muito veio a influenciar os primórdios da reforma católica. Graças a uma sistemática recuperação de uma antiguidade mitificada, devidamente articulada com o tempo que então se vivia, visava-se legitimar os novos tempos e um poder régio cada vez mais rico, imperial e culto. De um certo ponto de vista, Évora transformou-se num verdadeiro laboratório de experiências arquitetónicas, urbanísticas, escultóricas, pictóricas e literárias, muitas delas ainda hoje passíveis de observação.

A revisitação da vida e obra do reconhecido pintor e arquiteto Nicolau Nasoni, permitiu a Giovanni Tedesco construir uma exposição que procurou conjugar as várias fases da formação do artista com a obra realizada, apesar das graves lacunas documentais que ainda hoje subsistem. Considerando aspetos específicos da aprendizagem técnica, como as escolas e os mestres, mas também o horizonte cultural e religioso em que se moveu o homem, muito condicionado pelas suas relações com as instituições eclesiásticas, ficou claro quanto Nasoni deveu às circunstâncias contingentes em que tantas vezes se encontrou. O melhor testemunho é precisamente a sua obra, que conheceu um enquadramento auspicioso, desde que chegou ao Porto e foi respaldado pelos cônegos e pelo Cabido

Portugalense. A partir deste momento, a produção de Nasoni, tanto na conceção como no risco, ganhou densidade e escala, e o pintor de mérito transformou-se em arquiteto de génio.

Caminhos múltiplos, abordagens diversas, carrearam materiais, reforçaram perspetivas antigas e sustentaram novas hipóteses, através das quais somos convidados a ver, a rever e, sobretudo, a observar novamente temáticas, problemas e questões conhecidas e em desenvolvimento. Diante de nós, as instituições multisseculares das catedrais e dos cabidos, assim como os seus membros, entrelaçados todos na História de Portugal, assumiram outras dimensões, outras cores e outros sentidos.

*Adélio Fernando Abreu**

*Luís Carlos Amaral***

* Universidade Católica Portuguesa, Centro de Estudos de História Religiosa, Portugal.

** Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória», Faculdade de Letras da Universidade do Porto; Universidade Católica Portuguesa, Centro de Estudos de História Religiosa, Portugal.